

Livro de Contos e Lendas



DA MARÉ





CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ

Livro de Contos e Lendas da Maré



CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ - CEASM

Diretoria

Antonio Carlos Pinto Vieira • Cláudia Rose Ribeiro de Souza • Edson Diniz
Eliana Sousa Silva • Jailson de Souza e Silva • Léa Souza da Silva
Lourenço César da Silva • Maristela Klem

Livro de Contos e Lendas da Maré
NÚCLEO DE PRODUÇÃO EDITORIAL MARÉ DAS LETRAS

OFICINA LITERÁRIA

Coordenador: André Esteves

Cláudio Silva • Elizabeth Moura
Evanir Ximenes • Jaqueline Olímpio
Márcio Nóbrega • Valter Laudelino

OFICINA DE PRODUÇÃO GRÁFICA

Coordenador: Maurício José

Carlos André da Silva • Adriano Lima
Rosinaldo Lourenço • Vanusa Maria da Silva • Rosana Moraes

Ilustrações

Gilson Silveira • Tcharles • Waldeck Calixto

Revisão

Lúcio Mello • Daniele Norato

Fotos

Arquivo Rede Memória
Deise Lane • Hélio Euclides

Projeto Gráfico/Editoração Eletrônica

André Esteves • Ione Galletti

ISBN: 85-87202-03-0

Rio de Janeiro
Junho/2003

SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução	11
CONTOS DO MORRO DO TIMBAU	13
A Figueira Mal-Assombrada	17
O Ensopado de Cobra	23
CONTOS DA BAIXA DO SAPATEIRO	29
A Festa de Casamento nas Palafitas	33
O Porco com Cara de Gente	39
CONTOS DA NOVA HOLANDA	45
O Lobisomem	49
O Bloco Mataram Meu Gato	55
CONTOS DA REGIÃO	59
A Mulher Loira	63
OS PERSONAGENS REAIS.....	69

PREFÁCIO

Uma aventura na Maré lendária

O Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré tem a satisfação de trazer a público duas novas iniciativas: a Editora Maré das Letras e sua primeira publicação, o livro Contos e Lendas da Maré. O objetivo da Editora é estimular a produção de publicações escritas de variadas ordens - livros, cartilhas, revistas, jornal etc - elaboradas por moradores das Maré, de outros espaços populares do Rio de Janeiro e de outras partes do Brasil.

Com efeito, a ampliação do tempo e espaço sociais dos moradores das comunidades populares, na perspectiva do exercício ampliado da cidadania, exige a utilização de diversas linguagens. Estas devem permitir a construção de novas formas de apreensão, interpretação e inserção na realidade social e, ao mesmo tempo, fortalecer o sentimento de pertencimento e identidade popular.

O livro Contos e Lendas da Maré é a expressão efetiva da perspectiva apontada. As histórias foram recolhidas, sistematizadas e escritas por um conjunto de adolescentes e jovens da Maré, de variadas comunidades. Reunidos em oficinas de produção de texto e produção gráfica, os autores do trabalho entrevistaram um conjunto expressivo de moradores. Eles aprenderam, no processo, a ouvir os moradores mais velhos,

entender suas referências e ampliar sua identidade com a comunidade na qual vivem.

Esse é o sentido do CEASM: contribuir na materialização de uma realidade na qual os grupos sociais populares sejam sujeitos efetivos, capazes de encontrar espaço para apresentar suas lembranças, seu imaginário e suas fantasias, na busca de um mundo mais pleno. Seja, portanto, querido leitor(a), bem vindo(a) a esse mundo, ao nosso mundo, ao universo popular

Diretoria do Centro de Estudos e Ações solidárias da Maré

CEASM

O **Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – CEASM** – é uma associação civil, sem fins lucrativos, criada em 15 de agosto de 1997. O **CEASM** atua no conjunto de comunidades populares da Maré, área da cidade do Rio de Janeiro que reúne cerca de 130 mil moradores. O Centro foi fundado e é dirigido por moradores e ex-moradores locais que, em sua grande maioria, conseguiram chegar à universidade. Os projetos desenvolvidos pelo **CEASM** visam superar as condições de pobreza e exclusão existentes na Maré, apontado como o terceiro bairro de pior Índice de Desenvolvimento Humano da cidade.

A fim de cumprir seu papel, o Centro vem atuando no campo da educação, cultura e geração de renda e trabalho. Iniciou suas atividades com um pré-vestibular comunitário e, atualmente, atinge milhares de moradores com diversos projetos associados. O objetivo maior das diferentes atividades é estender aos moradores o acesso a novos produtos culturais que permitam a conquista de níveis mais plenos de cidadania entre a população do bairro. A proposta do **CEASM** é, assim, desenvolver atividades que possam ser não apenas assimiladas, mas também executadas pelos próprios jovens e demais moradores da Maré.

INTRODUÇÃO

O livro *Contos e Lendas da Maré* é o primeiro projeto do núcleo de produção editorial *Maré das Letras*. O objetivo do núcleo é trabalhar na elaboração de produtos impressos como jornais, folders, revistas, fanzines, cartilhas e livros para e sobre a Maré. A idéia é criar um pólo de produção editorial desenvolvendo produtos culturais a partir das narrativas, reflexões, linguagens e práticas cotidianas da própria comunidade.

Por isso, o primeiro e ousado projeto do *Maré das Letras* é um livro sobre lendas e contos da região. A base do projeto foi formada por alunos das oficinas de produção gráfica e literária da Rede de Trabalho e Educação (RETEM) do CEASM – ambas funcionaram sob o apoio da INFRAERO. Durante 6 meses, a equipe da oficina de produção literária pesquisou e entrevistou moradores antigos em busca de histórias que ainda hoje habitam o imaginário da população do bairro: O lobisomem da Nova Holanda, o porco com cara de gente da Baixa do Sapateiro, a figueira mal-assombrada do Morro do Timbau...

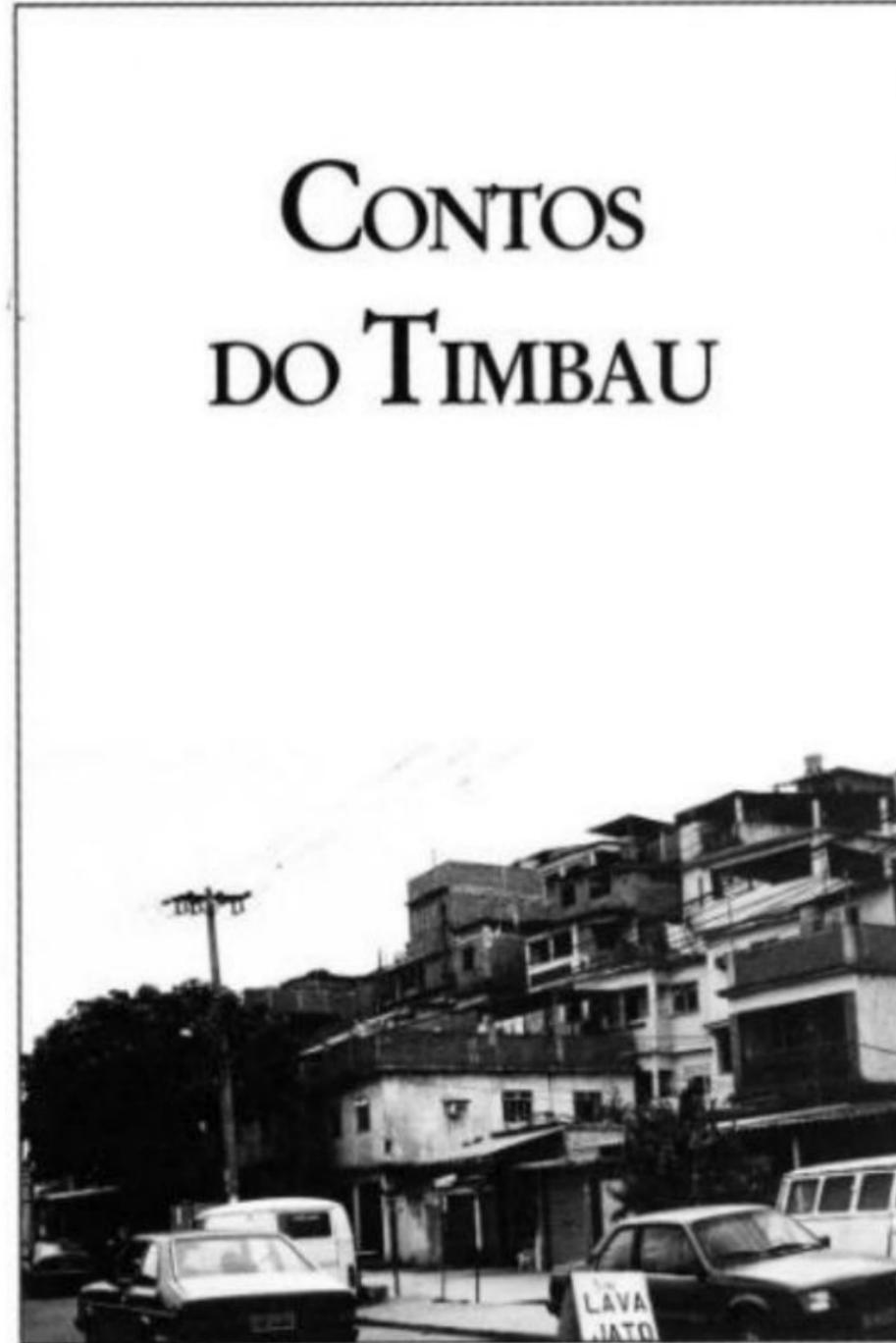
O livro *Lendas e Contos da Maré* tem como pano de fundo as singularidades geográficas, históricas e sociais do bairro. São histórias contadas por antigos moradores: pescadores, migrantes do campo, do sertão... pessoas que foram empurradas para a aventura urbana pela desigualdade social do País e que trouxeram

na bagagem suas tradições e um forma própria de olhar a realidade... uma forma de ver a vida cada vez mais esquecida na fria lógica de consumo do mundo globalizado. Pode-se dizer que o livro foi forjado inteiramente na substância humana de diversas redes sociais da Maré – principalmente, os integrantes das oficinas da RETEM, em geral, estudantes das escolas públicas da região. Os 7 contos que compõem o livro foram escritos por alunos da oficina de produção literária. Na verdade, as estórias são uma espécie de mistura entre depoimentos e relatos de moradores antigos com a criatividade de jovens da Maré. O projeto gráfico foi esboçado pela oficina de produção gráfica. As ilustrações foram feitas por alunos da RETEM. O mesmo aconteceu com as fotografias – sem contar que boa parte das imagens do livro tiveram sua fonte nos arquivos da Rede Memória do CEASM. Sem esquecer das histórias, colhidas diretamente com os moradores mais antigos da Maré. Em resumo: esse livro não é resultado de um autor, mas da multiplicidade criativa que tão bem caracteriza o trabalho do CEASM...são estudantes, profissionais, moradores, redes de trabalho... todos atuando juntos na construção de produtos capazes de sinalizar uma nova ordem de ver o mundo, a cultura, a educação, a história, a política e, porque não dizer, a própria vida.

André Esteves

Coordenador Geral do Projeto

CONTOS DO TIMBAU



CONTOS DO TIMBAU

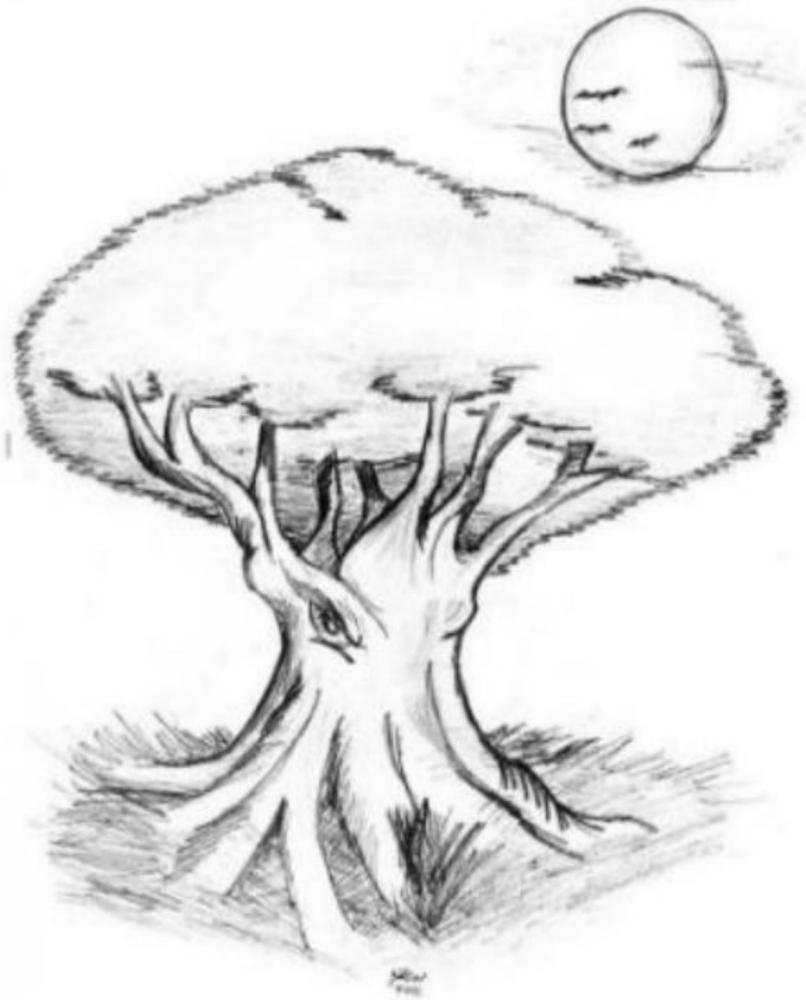
O Morro do Timbau pode ser considerado o berço da Maré. Cercado por terrenos alagadiços e de mangue, o Timbau destaca-se por ser a única área naturalmente de terra firme da região. Apesar de já haver habitações esparsas construídas por pescadores no local, a ocupação mais efetiva iniciou-se somente na década de 40. Os moradores foram migrantes da zona rural do Estado e de outras regiões como Minas e Sertão Nordestino. São histórias como a de Dona Orozina, considerada a primeira moradora do morro, que vindo de Minas Gerais construiu seu barraco com madeiras recolhidas nas belas praias que batiam nas encostas do morro.

Antes da urbanização da região na década de 80, o Timbau era uma moldura perfeita para lendas, histórias e tradições trazidas na bagagem dos migrantes de Zonas Rurais e do Sertão. Na fala dos moradores mais antigos, pode-se mesmo visualizar um região de mata cerrada, com árvores centenárias... construções de casas de estuque – feitas de barro e madeira... praias que antes dos aterros do Projeto Rio, no início da década de 80, chegavam às encostas do Morro. Além disso, a presença do exército, proprietário dos terrenos do

morro, criava situações interessantes, como as famosas rondas de soldados, às dez da noite, para ver se estavam todos em ordem em casa.

É nesse Timbau de 30 anos atrás que se desenrolam os contos *Figueira Mal-Assombrada* e *Ensofado de Cobra*, histórias extraídas da fala dos próprios moradores.

A FIGUEIRA MAL-ASSOMBRADA



A FIGUEIRA MAL-ASSOMBRADA

Evanir Ximenes Lima

De tudo que eu já vi aqui, a coisa que mais me assustou aconteceu em uma das maiores e mais antigas árvores da Maré: a figueira mal-assombrada do Timbau. Naquela época, há uns trinta anos, havia poucas casas no Morro. A maioria era construída de pau a pique, parecida com aquelas casinhas da roça. As dificuldades eram muitas... para pegar água, descíamos até o “Bicão”, uma espécie de cano que trazia água da Av. Brasil até a Baixa do Sapateiro.

Minha casa ficava num caminho que passava próximo à figueira. Às vezes, perdia o sono com o barulho que fazia quando o vento balançava suas folhagens. Era uma árvore estranha... devia ter uns 300 anos... o caule era grosso e forte como uma gigantesca pedra... seus galhos compridos, se espalhavam pelo céu, formando uma nuvem de folhas. Havia uma pequena quantidade de figos secos e murchos. Os moradores contavam que quem comesse o fruto não poderia ter mais filhos. E tinha até gente que achava que eram envenenados. Eu nunca tive coragem de comer um. Por quê?!...

Pois bem... num sábado, estava voltando da pesca, lá para as bandas da Praia de Inhaúma – onde hoje fica a Vila do Pinheiro. Eu era moço novo. Nesse tempo, quem morava no Timbau não podia ficar na rua depois das dez da noite. É que o morro pertencia ao exército. Quem fosse pego de bobeira até esse horário era levado para o quartel como vagabundo. Então, vendo que já era tarde, tentei apressar o passo. Escolhi o caminho mais curto para chegar em casa, que passava pela figueira. Antigamente, no morro não tinha iluminação e quando a noite caía, era preciso ter cuidado para andar em meio à escuridão.

O tempo estava ficando esquisito. Fazia frio e uma mancha cinzenta de nuvens cobria o céu. Parecia que ia cair um pé d'água. O vento começou a ficar mais forte, sacudindo as árvores. De repente, de longe, vi a figueira... no escuro parecia uma grande sombra, que formava uma estranha silhueta deformada. Essa visão me fez recordar as histórias que as pessoas contavam. Pensei em voltar, mas segui em frente.

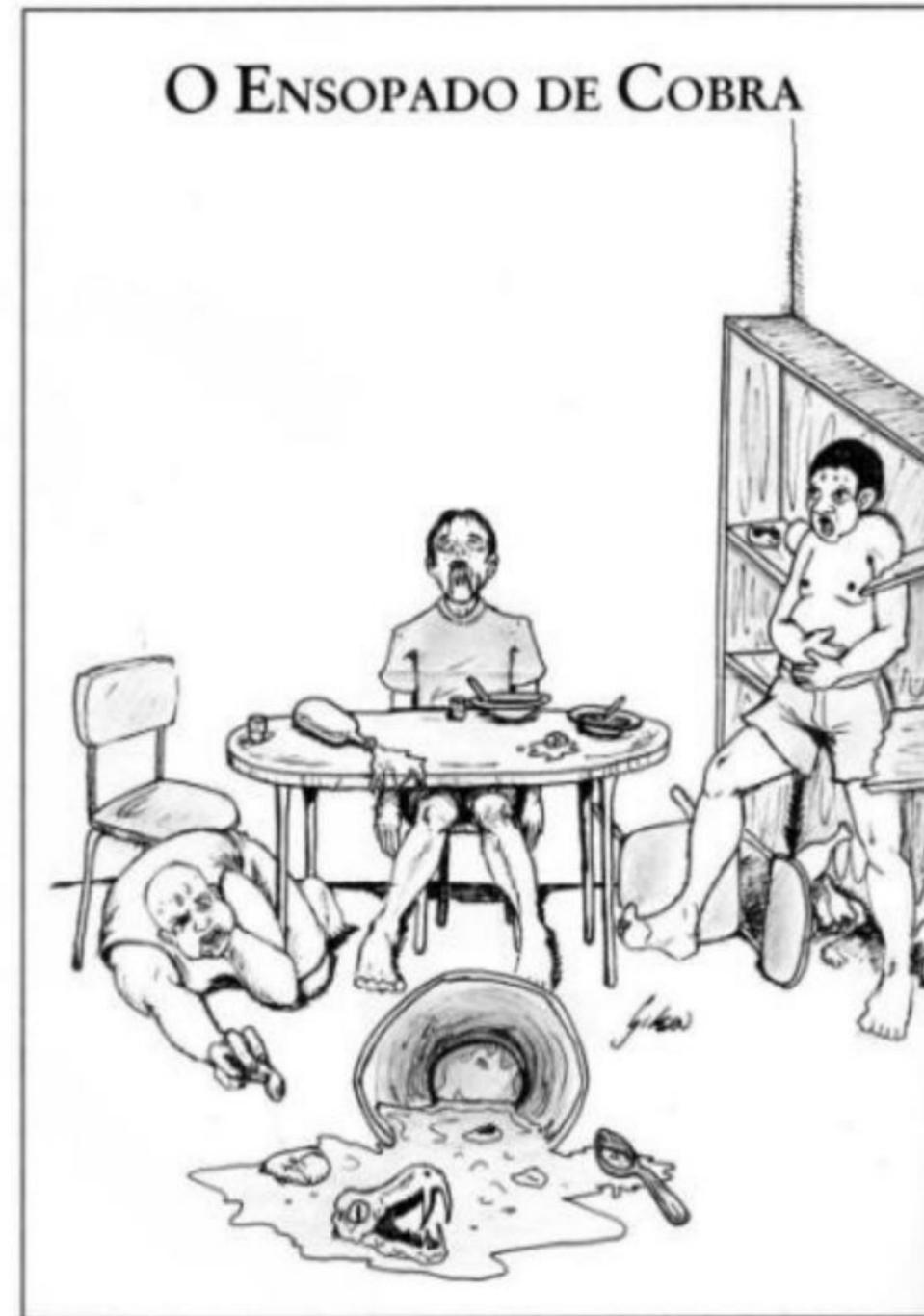
Chegando perto da velha árvore, ouvi o alvoroço das galinhas soltas nos quintais vizinhos. O vento parecia mais forte e balançava a imensa copa da figueira produzindo um barulho pavoroso. Notei o vai-e-vem de morcegos que moravam num buraco oco do tronco... alguns passavam rente

a minha cabeça. Recordei a história que minha avó contava sobre um morcego branco gigante, que costuma rondar a figueira nas noites de lua cheia. Pensei se deveria estar mesmo passando por ali. Apressei o passo e acabei me machucando em algum galho seco.

Enfim, me deparei com a figueira. Foi aí que vi a coisa mais assustadora de toda a minha vida. Ainda hoje me lembro... em volta do tronco, havia uma espécie de neblina que misturava poeira e folhas secas. Não sei ao certo o que era aquilo... mas, vi um vulto girando ao redor da árvore como um redemoinho. A sensação de medo chegou no limite. Sem pensar em nada, corri como um louco naquela escuridão infinita. Quando cheguei em casa, estava ofegante. Conte a história para minha mãe. Ela disse que era castigo por chegar muito tarde em casa. A partir daí, nunca mais passei das dez na rua...

Com o passar do tempo, a população do morro cresceu e muitas outras casas foram construídas perto da figueira. Há uns dez anos, um menino foi brincar de balanço lá. A corda arrebentou, ele caiu de cabeça e morreu na hora. Como as raízes da figueira rachavam o solo e prejudicavam a estrutura das casas, alguns moradores resolveram cortá-la. Foi preciso chamar os bombeiros e levou quase um dia inteiro para

derrubá-la. Hoje, o tronco da figueira mal-assombrada ainda existe no Morro do Timbau. Há alguns galhos secos e nela tem um rosto esculpido. Dizem que deveriam ter cortado até a raiz, pois parece que ela está começando a brotar de novo...



O ENSOPADO DE COBRA

Elisabeth Moura

Muita gente daqui gosta de inventar histórias... a maioria é lorota. Mas esse caso que vou contar é do arco da velha... e é verdade, eu vi com os meus próprios olhos. Aconteceu há muito tempo... coisa de 20, 30 anos. O Timbau nesse tempo não tinha nem rua asfaltada. Nos dias de chuva, era um lamaceiro danado. Subir e descer o morro sem escorregar era um feito...

Se não me engano foi num domingo... eu jogava buraco com amigos ao lado de casa, coisa normal aqui nos fins de semana. Quando vi chegando três conhecidos que tinham ido pescar lá em Macaé na noite passada. Traziam uma sacola estranha. E um deles gritou: – “Vocês nem imaginam o que eu pesquei!”. Largamos cartas e bebidas na mesa, e corremos para ver o embrulho. Um dos pescadores abriu a sacola no chão... o espanto foi geral. Entre peixes e siris embrulhados no jornal... lá estava uma imensa cobra listrada de negro e amarelo. Devia ter uns 2 metros. – “Matamos com pauladas” – contou um dos rapazes.

Naquela época, era comum encontrar cobras nos matagais das redondezas. Volta e meia tinha pescador trazendo bicho esquisito achado na ilha dos macacos... onde hoje fica o parque ecológico da Vila do Pinheiro. O pior é que era costume cozinhar tudo encontrado: cobra, lagarto, gato, rã... Tinha um vizinho meu, um cearense arretado, que vivia fazendo espetinho de calango. Por isso, não me espantei quando decidiram fazer um cozido com a cobra.

Difícil foi achar um perito no preparo de cobra. Pensaram na Zilú... mas lembraram que a velha estava ocupada com sua neta de cama com catapora. Falaram no seu Zé Cangaço... mas seu filho avisou que ele tinha ido em Xerém visitar um amigo. Até que o português Ascendino, dono de uma birosca ali perto, disse: – “Pimba! Pois chame Paloma!” E mandaram um moleque buscar Paloma, uma moça que trabalhava num restaurante em Brás de Pina e conhecida da rapaziada pelo preparo de tira-gosto nos finais de semana.

Não demorou muito e lá vinha Paloma e o menino. Apesar de boa cozinheira, nunca tinha cozinhado cobra. Mesmo assim aceitou o encargo e levou o bicho para cozinhar no Bar do Ascendino, ponto de encontro dos bicões do morro. A pele da cobra foi tirada e posta no sol para secar. Ficou pendurada no bar como troféu.

A cobra foi picada e colocada no caldeirão do bar do Ascendino, onde costumava-se preparar siri. Depois de uma hora cozinhando, o caldo ficou com uma consistência esquisita... gosmenta, feito clara de ovo. Volta e meia aparecia um curioso para ver a estranha refeição. Mas sinistro é o que estava por vir.

Anoiteceu... o ensopado estava quase pronto. Tinha virado uma carne branca, parecida com peixe... num caldo meio gosmento. Foi quando chegaram três bicões, daqueles que se enfurnam em qualquer birosca a cata do que comer ou beber. Ao saberem da cobra, não pensaram duas vezes em experimentar. Nem ligaram quando Paloma falou para esperar o resto do pessoal. Na insistência dos bicões, a moça serviu uma porção do ensopado ao grupo. Um dos rapazes, um mulatinho conhecido por Batata, mesmo cabreiro comeu o primeiro pedaço: cachaça com cobra. Todos comeram. Paloma só tomou o caldo.

Enquanto o povo não chegava... conversa vai... conversa vem... de repente um dos rapazes, um careca barrigudo apelidado de Barrão reclamou de uma forte dor na barriga. Quando Paloma ia sair para o banheiro... ouviu-se um barulho de garrafas caindo. Era o tal do Batata que tinha caído sobre a prateleira do bar. Logo depois, o Barrão já se encontrava contorcendo no chão.

Lá estava o outro... com o olho esbugalhado... sentado em sua cadeira de bar... estavam todos mortos.

Logo surgiu uma multidão de curiosos para ver... foi quando apareceu o velho nordestino Zé Cangaço. E ao ver a pele da cobra pendurada na parede, falou: – “Vixe, surucucu!!... venenosa igual o cão!!... se cozinhar sem cortar três palmos da cabeça e do rabo, mata até jagunço!”. Paloma que só tomou do caldinho do ensopado, teve um súbito mal-estar. Ficou sentada em uma cadeira no cantinho do bar... mas depois melhorou.

O pior ainda estava por vir. Alguns dias se passaram. Era uma manhã de sol forte... de repente... do mei quintal ouvi um grito que ecoou por todo o Morro. Veio da casa de Paloma. Ela estava estendendo roupas no varal... sua pele estava avermelhada, como quem passa um dia inteiro na praia. Seu corpo todo descascava, soltando grossas camadas de pele. Parecia cobra em época de troca de casca. E assim foram os dez anos seguintes. Todo ano, no verão, ela trocava de pele. Só muito mais tarde, ela conseguiu a cura, após fazer um tratamento no Instituto Médico de Manguinhos. E até hoje, aqui no Timbau, é só fuçar a memória do morador que ele conta a história de Paloma.

CONTOS BAIXA DO SAPATEIRO

CONTOS DA BAIXA DO SAPATEIRO



A Baixa do Sapateiro é uma das comunidades mais antigas da Maré. Já na década de 30, existem vestígios de moradores na região. No entanto, a ocupação efetiva começa mesmo nos anos 40 e 50, seguindo-se pelas outras décadas. Os primeiros moradores foram em sua maioria migrantes nordestinos, gente fugindo da pobreza causada pelo latifúndio e relações capitalistas instaladas nas regiões rurais do país. Vinham de pau-de-arara e desembarcavam numa área próxima ao Pavilhão de São Cristovão – no mesmo local que depois se transformaria na feira dos nordestinos. Dali, recebiam informações dos lugares baratos para se morar: encostas dos morros da cidade ou regiões alagadiças da Baía da Guanabara.

Na Maré, a leva de imigrantes que chegou primeiro se alojou no morro do Timbau - ou nas partes de terra firme na base do morro. Quem veio mais tarde, teve que se virar para construir sua casa sobre o mangue. Mas como construir casa sobre a lama? Usa-se então uma técnica desenvolvida há milhares de anos pelo homem pré-histórico: fazer casa de palafita, habitação de madeira fincada sob estacas e erguida sobre o lodo da Baía. Milhares dos que ocuparam o local usaram essa técnica e construíram uma comunidade de madeira sobre as águas, uma espécie de Veneza brasileira sobre a lama suja da

Baía de Guanabara. Essa foi a Baixa do Sapateiro até o início da década de 80, quando o Projeto Rio do governo federal aterrou o mangue e erradicou as palafitas.

A vida sobre o mangue fez da Baixa do Sapateiro um local de marcado pelo particular cotidiano para quem a vida depende das práticas de sobrevivência desenvolvidas no dia-a-dia. São experiências guardadas na cabeça das pessoas que viveram a dura vida das palafitas na Maré... lembranças dos dejetos das casa jogados direto no mangue, o balançar das casas nos dias de tempestades, a subida da maré duas vezes ao dia, molhando o assoalho dos barracos com a água fétida da Baía, das crianças que afundavam na madeira podre que unia as casas e só eram descobertas quando a maré baixava.

E é nesse cenário de uma cidade flutuante de madeira sobre a Baía e de uma população desafiando poderosos adversários como a natureza e a injusta estrutura socio-econômica do país, que acontecem as duas histórias da Baixa do Sapateiro: *O porco com cara de gente* e *O casamento nas Palafitas*.

O CASAMENTO NA PALAFITA



CASAMENTO NA PALAFITA

Jaqueline Olímpio

Faz mais de vinte anos que meu amigo Juvenal se casou... E não foi um casório normal, não. Na verdade, acho que foi o casamento mais estranho já acontecido na Maré. Nesse tempo, a Baixa do Sapateiro ficava quase toda sobre palafitas. E eu morava lá...

A cerimônia começaria às quatro da tarde, mas só comecei a me arrumar depois do almoço. Coloquei um vestido branco que uma tia me trouxe da Paraíba... já estava um pouco amarelado... sorte não estar ruído pelos ratos que invadiam o barraco à noite. Era quando a maré enchia e molhava o chão de madeira com a água podre do mangue. Procurei minhas bijuterias, que há tempos não usava. Encontrei-as num velho pote de biscoitos, escurecidas pela maresia.

Na pressa, esqueci de pegar um sapato emprestado com a vizinha e calcei um surrado salto alto. Só terminei de me aprontar no caminho da igreja. A cerimônia foi simples e rápida. Aconteceu na Igreja Nossa Senhora dos Navegantes – que

era bem menor do que hoje e ficava na parte de terra firme... Até aí tudo normal. Mas a grande surpresa estava reservada para a festa do casamento... Uma festa em plena palafita na Baixa do Sapateiro, na casa do Juvenal. A distância entre a igreja e o local da festa não era muito grande... uns cinco minutos de caminhada sobre pontes de palafitas. Andava devagar, para não afundar o salto alto na madeira podre das pontes que ligavam um barraco ao outro.

O barraco do Juvenal era maior que o meu. Tinha dois cômodos. Me impressionei com a organização: num canto da sala, em cima de uma mesa calçada com tijolo, estava o bolo. No outro canto, estavam os croquetes, refrigerantes e vários tipos de bebidas alcoólicas. E na entrada da casa, perto da porta, lá estava uma velha vitrola. Mas e os convidados? Quando já eram umas sete e meia, foram chegando aos poucos. Alguns vinham diretamente da igreja, outros de casa. Foram se espalhando pela casa e na ponte que ficava na frente dela. Bateu oito da noite e já estava tudo lotado! Era gente que não acabava mais. Só de parentes, devia ter uns 20 ou mais... gente que veio do norte, da Baixada e de vários outros lugares distantes... sem falar nos convidados e penetras – que não eram poucos!

A festa estava bem animada. O som da velha vitrola rolava solto – mesmo com a agulhinha pulando do meio de

uma música para a outra... os convidados comiam e bebiam... tinha um tio do Juvenal que, de tão bêbado, já nem sabia quem estava se casando.

Tudo estava indo muito bem. Os noivos felizes, os amigos e parentes se divertindo... Até que apareceu um primo do Juvenal com um disco debaixo do braço dizendo que ia abalar. Quando o rapaz colocou o disco na velha vitrola, pensei que diabo iria sair dali. De repente, a surpresa: começou a tocar a música da Gretchen. Pra quê? Foi uma danação. O povo começou a pular, as moças a rebolar, os rapazes a sapatear... todo mundo movido pelo efeito da bebida.

À medida que o “piri-piri-pipi” da Gretchen tocava, mais o povo dançava. Os noivos, dentro do barraco, só riam. E a música continuava: “piri-piri-pipi”... e o mundaréu de gente dançando sobre o frágil chão de madeira da palafita... “piri-piri-pipi”... se espalhando por todo o barraco... “piri-piri-pipi”... senti a ponte balançar... “piri-piri-piri-pipiripi-pam-pum-ai”... de repente ouvi um “creck”. Parecia uma caixa de ovos quebrando. Foi a coisa mais bizarra da minha vida... com a puladeira do pessoal, a ponte na frente do barraco desabou. Quando dei por mim, estava com a cara na lama fedorenta... do meu lado, umas vinte pessoas com os cabelos grudados com o lodo sujo... Quem estava de branco ficou preto, quem

já era preto ficou mais preto ainda... parecia até pegadinha do Faustão!... engraçado foi o tio do Juvenal que ficou atolado na lama cantando: “piri-piri-pipi”.

Ao sair da lama, encontrei o Juvenal desolado no canto do barraco. Dei um tapinha nas costas dele e falei:

– Fica assim não! Seu casamento vai ficar marcado na história da Maré.

E não me enganei. Até hoje tem morador antigo que lembra do inusitado casamento na palafita.

O PORCO COM CARA DE GENTE



O PORCO COM CARA DE GENTE

Márcio Nóbrega

Era uma manhã nublada... acho que foi num dia de meio de semana... lá pros idos de setenta e alguma coisa. Eu tomava o café da manhã com minha tia. Mergulhava no café com leite, o último pedaço de pão, quando escutei a gritaria. – “Nereu, ô Neereu!””. Pela voz, percebi logo que era Zumira, vizinha do barraco em frente. Estava eufórica. Entre palavras enroladas, entendi que me chamava para ver uma estranha criatura que tinha nascido no chiqueiro da Baixa do Sapateiro.

Curioso como sou, larguei tudo e segui a correria de Zumira. Eu morava nas palafitas, no final da Nova Holanda. Era uma das áreas mais pobres da comunidade. Só vendo... um amontoado de barracos construídos sobre estacas com pontes de madeiras juntando uma casa a outra. Depois, tudo foi aterrado... onde era o meu barraco, virou a “rua O”. Foi uma difícil caminhada até o chiqueiro. Pulei uma tábuia solta aqui, desviei de outra ali... na pressa, pisei numa madeira desgastada pela maré e afundei o pé na lama podre da Baía de Guanabara. Foi um alívio chegar na terra firme da rua principal.

Depois da desastrada caminhada, cheguei ao chiqueiro. Era o maior da região. Parecia uma visão de fim do mundo... na verdade, era um amontoado de madeira podre emendada uma na outra, formando um conjunto de galpões cercados. Parte da construção ficava sobre o aterro. Outra parte, avançava sobre mangue. Eram muitos porcos... cerca de três mil. Em dias quentes, o mal-cheiro se espalhava pela redondeza.

Quando cheguei lá, o chiqueiro estava apinhado de gente, dividida em grupos. Escutando a conversa de um aqui, outro ali, descobri o que tinha acontecido: naquela manhã tinha nascido ali uma criatura muito, muito esquisita. Meio porco... meio gente... um pouco de cada. O bicho já nasceu morto.

Um bando de moradores estava revoltado. Um senhor careca comentava que iria linchar o rapaz que diziam ser o pai da criatura... um tal de Helmans, o rapaz que tomava conta do chiqueiro. Perguntei a um policial, que zanzava por ali, onde estava o porco. O PM numa forma meio grossa revelou que a criatura tinha sido levada para o posto policial da Baixa do Sapateiro. Catei Zumira pelo braço e fomos para lá.

No posto policial, um grupo de pessoas batia boca querendo ver o porco. Na porta do posto, dois PMs impediam o povo de entrar. Eu queria ver a criatura de qualquer maneira. Zumira gritava: – “Queremos vê o porco!! Deixa nós vê o

porco!!”. Um dos policiais, já zangado, ameaçou botar todo mundo no xilindró. Eu estava perdendo a esperança de ver qualquer coisa... quando de repente chegou mais um PM. Esse Zumira conhecia... era um tal de Cabo Ferreira, que aproveitava as rondas na Nova Holanda para dar em cima das moradoras.

Zumira não perdeu tempo... chamou a atenção do policial e o povo caiu em cima pedindo para ver o porco. O policial sacou o cassetete e repreendeu a muvuca pela bagunça. Perdi totalmente a esperança. Já iria voltar para casa quando o cabo falou: – “Aí, junta todo mundo e bota uma merreca na minha mão que a gente vê o que pode fazer...”. E foi um junta moeda pra cá, um junta moeda pra lá e entregaram uma merrequinha ao PM. O Cabo cochichou com os policiais e eles organizaram grupos de cinco pessoas para ver o porco. Zumira e eu entramos na primeira leva.

A criatura estava na última sala no final do corredor do pequeno posto. A ansiedade era tanta que empurrei os outros para ir na frente... o que eu vi foi algo tão estranho que ainda sonho com aquilo... em cima de uma mesa, sobre um monte de jornais, lá estava ele: o porco com cara de gente... as orelhas, os olhos, o nariz, a boca... eram de homem, criança... porco com cara de gente ou gente com corpo de porco? Fiquei tão abobado que nem percebi direito a confusão do povo lá fora

para ver o porco. Acabou que os policiais não deixaram mais ninguém entrar... essa foi a última vez que viram o porco com cara de gente.

No final do dia, a criatura não estava mais no posto. Dizem que ela foi levada para a Fio Cruz, que nega a existência da criatura. Hoje, após 20 anos, o posto policial continua no mesmo lugar. O local onde existia o chiqueiro foi aterrado e transformado numa praça chamada Praça do 18...que é o número de que animal no jogo do bicho?! Isso mesmo, o porco.

CONTOS DA NOVA HOLANDA



NOVA HOLANDA

A Nova Holanda é uma das mais singulares comunidades da Maré. Sua origem remonta à política habitacional adotada pelo Governo de Carlos Lacerda, na década de 60.

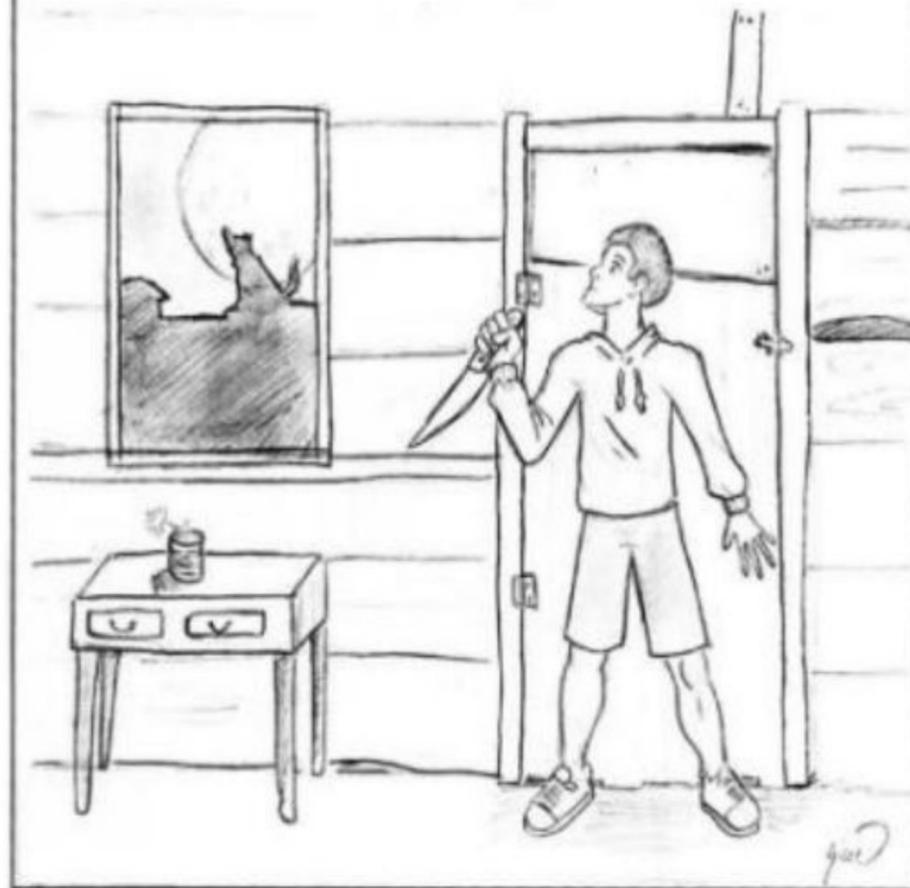
Com o projeto de urbanização e modernização da Zona Sul da cidade, diversas favelas foram desmontadas pelo poder público. Sem opção, seus habitantes foram transferidos para alojamentos provisórios em áreas de subúrbio do Rio: Andaraí, Cordovil, Paciência...

Na Maré, também foi construído um desses Centros de Habitação Provisória. Seu nome: Nova Holanda. No local foram construídos imensos galpões e casas que serviriam de abrigo provisório dos removidos das favelas do Esqueleto, Praia do Pinto, Morro da Formiga e Morro do Querosene. Basta um olhar mais atento pelos meandros da história da cidade para perceber nessa transferência, a repetição do mesmo projeto político do poder público para as camadas das populações mais empobrecidas e residentes em espaços populares. É arrancar as favelas das partes mais ricas da cidade – tal como se extirpa uma doença – e transferi-las para espaços sem infra-estrutura para recebê-los.

Mas na Nova Holanda, o que era transitório acabou por se tornar definitivo. Até hoje, vivem na comunidade, muitas famílias que foram para os alojamentos provisórios aguardar sua remoção para um novo conjunto da cidade, o que nunca chegou a acontecer.

Na conversa dos moradores mais antigos, pode-se vislumbrar a Nova Holanda dos primeiros tempos, uma espécie de Torre de Babel reunindo desconhecidos de diferentes pontos da cidade, um amontoado de gente tentando se fazer comunidade. É nesse contexto que surgiu o Bloco Mataram Meu Gato, resultado das primeiras iniciativas de integração da população local. A comunidade é também cenário da lenda do Lobisomem da Nova Holanda, personagem recorrente de inúmeras histórias e *causos* contados pela população mais antiga.

O LOBISOMEM DA NOVA HOLANDA



O LOBISOMEM DA NOVA HOLANDA

Cláudio Pereira da Silva

Foi numa noite de lua cheia assim... e eu que não acreditava nas histórias de assombração da minha avó. Mas nessa noite, quando aconteceu o caso que eu vou contar, fiquei encucado por muito tempo. Vocês acreditam em LobisOMEM? Então, presta atenção...

Quando cheguei aqui na Nova Holanda, vindo da Favela da Praia do Pinto, lá pro final dos anos 60, tudo aqui era estranho. As ruas eram poucas iluminadas. Cada vizinho vinha de um lugar diferente: Praia do Pinto, Morro do Querosene, da roça aqui do Rio, do Nordeste. Ninguém se conhecia direito e todo mundo vinha morar nos barracos do assentamento provisório do governo....

Como eu estava dizendo, era noite de sexta-feira. Como sempre, tinha um montão de gente em volta da fogueira... Nós ficávamos aqui mesmo, na ponta da Rua do Miolo, onde estamos agora. As pessoas ficavam ali, jogando conversa fora, relembrando histórias do norte... e eu do lado da fogueira estava

abrindo a brasa para colocar uma batata doce. Bem no meio da contação de caso, alguém começou dizer histórias de lobisomens. Eu já tinha ouvido muitas da minha avó, quando era criança na roça da Paraíba.

Minha mãe costumava dizer que quando a gente fala no diabo, o coisa ruim aparece. Nesse dia, de tanto falar em assombração, de repente, a reunião parou. Ouvimos uns uivos de cachorros bem alto. Ficamos apreensivos no começo. O som vinha lá da Rua Sargento Silva Nunes, aquela no final da rua. Antigamente, ali tinha um galpão onde ficava a caixa d'água que abastecia o pessoal... É onde hoje fica a Capela Sagrada Família. Na parte de traz da capela, ficava um valão, deserto e cercado por matos. A noite lá era um breu só. O som vinha direto de lá. Ninguém era doido de ver o que era.

Seu Raimundo, que estava ao meu lado e era o mais antigo da rua, disse em voz bem baixinha: É o lobisomem. Falou isso e eu vi as pessoas entrando rápido em casa. Eu não entendia nada. Só sentia o cheirinho de maré no ar e o quentinho da fogueira – que estava ótima naquele friozinho. Mas uma nova série de uivos fez as pessoas deixarem a fogueira e sair para casa. Seu Raimundo chegou perto de mim e disse para ir embora. Ele falou de um jeito que me fez medo e saiu também. Fiquei sozinho, doido para ir para casa, mas o diacho da minha batata tava na brasa da

fogueira. Só que o medo falou mais alto e resolvi ir para casa.

Nessa altura, as histórias de minha avó sobre Lobisomem não me saiam da cabeça...criatura meio homem, meio cachorro...sei lá. No caminho de casa novamente escutei o uivo. Dessa vez, fiquei apavorado. Na minha cabeça, ecoavam as palavras da minha vó. – “Chega de madrugada, ele cai na encruzilhada...cisca, cisca, cisca e quando levanta, já sai correndo...quem ele for pegando, vai sangrando”. Cheguei no meu barraco, entrei correndo e fechei a porta. Aqueles uivos dos cachorros pareciam que vinham na direção da rua.. Comecei a suar, sem fazer nenhum barulho. A vó dizia que o lobisomem arranhava a porta da casa onde ele ouvia barulho. Os uivos pararam... o barulho que estava próximo calou. Fiquei mais calmo. Minha respiração voltou ao normal e eu levantei do sofá.

Foi então que ouvi aquele rosnado estranho, em frente à minha porta e os cachorros começaram a latir. Eu saí correndo para a minha cozinha que ficava na parte dos fundos do barraco. Meu coração quase saía pela boca. Minha imaginação já dizia que o bicho tinha entrado na minha casa. Pela fresta da madeira da porta, vi o vulto esquisito seguido pelos cachorros. Dizem que eles acompanham o lobisomem tentando mordê-lo. Ouvi minha porta sendo arranhada. Peguei o facão em cima da mesa.

Mas fez-se um silêncio e o barulho foi se distanciando da

minha porta. Não consegui dormir essa noite. No dia seguinte, fui comprar pão na birosca do seu Zé e dei de cara com seu Duda. Fiquei um pouco assustado com o olhar de seu Duda, que era um senhor alto e muito branco. Vivia cheirando rapé em seu quintal, onde tinha uma jaqueira enorme aqui do lado de casa.

Quando olhei para ele, me deu um frio na espinha. Seu Duda me encarava estranho. Me lembrei de uma velha brincadeira dos meninos da rua que diziam ser ele um lobisomem. De repente, seu Duda me pergunta de maneira seca:

“Que é que tá olhando?! Tá achando que eu sou o lobisomem”.

Fiquei paralisado com a pergunta e por tudo o que tinha vivido na noite anterior. Meio receoso disse que o povo falava demais. Ele deu um sorriso e disse:

– “Nem sempre o povo fala demais...”.

O BLOCO MATARAM MEU GATO



O BLOCO MATARAM MEU GATO

André Esteves

Uma das primeiras coisas que chama atenção na escola de samba da Maré é nome: Gato de Bonsucesso. –“Mas o que é que gato tem a ver com samba? Por que Gato?” – sempre me perguntam. Bem...na verdade, o nome foi herdado do bloco “Mataram Meu Gato” fundado há quase 30 anos, numa época em que a Nova Holanda ainda estava sendo ocupada pelo pessoal de outras favelas... Eu mesmo vim do Morro do Querosene.

Nessa época, existia um grupo de rapazes que adorava fazer algazarra e ficar de implicância com alguns moradores. Na comunidade, morava uma mulher chamada Maria Dentão, uma daquelas donas que não dão vida fácil para a meninada, do tipo que fura a bola quando cai no quintal. E foi o que aconteceu. Num certo dia, dona Maria furou a bola dos rapazes. Pra quê?

Todo mundo já sabia que Dona Maria tinha um gatinho de estimação. Ela vivia para lá e para cá com esse gato. Estava

pronta a vingança. Numa noite, a rapaziada pegou o gato de estimação da mulher e fez dele um belo ensopado. Ao perceber o sumiço do bichano, a senhora não demorou para descobrir o que aconteceu. Menino... a dona ficou uma arara. Foi direto fazer queixa no posto policial que existia na rua Principal da Nova Holanda. Já chegou no local gritando:

– “Mataram meu gato, os safados mataram meu gato”.

A polícia também não perdeu tempo. Como o pessoal já era manjado, a PM pegou uns três do grupo para dar um “corretivo” – que na época era castigo de palmatória. Ficaram tudo com a mão vermelha.

Mas é ruim da história ter acabado aí. Para se vingar novamente da pobre mulher, adivinha o que a rapaziada aprontou?... Não sabe, não?! Os danados fizeram tamborins com o couro do gato e foram tudo para frente da casa de Dona Maria Dentão, tarde da noite, madrugada já, gritando e batucando:

– “Mataram meu gato, mataram meu gato, mataram meu gato”...

Não demorou para o refrão virar nome do bloco e depois da escola de samba da Maré.

CONTOS DA REGIÃO



CONTOS DA REGIÃO

A Maré situa-se dentro da região da Zona Leopoldina da Cidade do Rio de Janeiro. Margeando a Avenida Brasil e formada por 16 comunidades de baixa renda, a Maré ocupa um lugar de destaque no imaginário social da cidade. Principalmente pela representação negativa com que a mídia trata as comunidades locais – que aparecem nos noticiários sob o enfoque da pobreza e da violência. Esse conjunto de questões acaba construindo a impressão de desconexão entre a Maré e outras áreas da cidade – o que levou o sociólogo Zuenir Ventura usar o termo *cidade partida*, numa referência à divisão da cidade entre favelas e o resto da sociedade.

No entanto, um olhar mais aprofundado permite constatar que a Maré – assim como outros espaços populares da cidade – interage continuamente nos campos concretos e simbólicos da vida social. Um exemplo é o conto da Mulher Loura, conhecido em pontos diversos da cidade – e que, nas escolas públicas da Maré, também ganhou sua versão.

A MULHER LOIRA



A MULHER LOIRA

Valter Landelino

Como sinto saudades da Escola Bahia... a conversa com os amigos, o futebol com bola de jornal e sacola na hora do recreio, a arte de roubar o diário da garota mais bonita da sala... Foi lá que vivi o caso mais assombrado desses meus 20 anos. Aconteceu há 7 anos...

Eu estava em recuperação em Português. Coincidência ou não, uma parte da prova era redação que tinha como tema uma lenda muito comentada nos corredores da escola: a mulher loira. Eu não sabia muito sobre ela. O povo dizia que vez ou outra acontecia de aparecer a alma penada de uma mulher de cabelos loiros assombrando o banheiro masculino da escola. E o pior é que nas escolas vizinhas na Maré se contava a mesma história.

E tinha muita gente que acreditava. Eu mesmo já ouvi várias histórias. Conheci crianças do turno da manhã que evitavam a todo custo ir ao banheiro. Seguravam até chegar em casa. Já teve quem mijou nas calças para não correr o risco

de ir ao banheiro. Certa vez, um colega de sala, me contou assustado que estava tranqüilo fazendo um xixi quando começou a ouvir ruídos muito estranhos e que a descarga da privada ao lado acionou sozinha.

Mas estava eu lá na recuperação. Faltavam 50 minutos para a prova terminar e da redação eu ainda não tinha escrito nada. Para pensar em alguma idéia para escrever, pedi à professora para ir beber água. Ao sair da sala, o refrigerante tomado no intervalo fez efeito e me deu aquela vontade de mijar. O colégio estava deserto. Poucos alunos estavam fazendo aquela prova de recuperação. Dava até para ouvir os meus próprios passos caminhando pelo corredor que levava ao banheiro.

Eu nunca fui de acreditar em histórias de assombração, mas, naquela hora, a lenda da mulher loira estava rondando a minha cabeça. Pensei até em fazer meu xixi em qualquer lugar. Para o meu azar, o professor de matemática fumava um cigarro ali perto. Na falta de opção, fui mesmo no banheiro. Entrei. A lâmpada estava queimada. Só a luz do corredor iluminava o ambiente. Para piorar, os primeiros boxes estavam trancados. Eu tinha que usar o mictório lá do fundo.

Tentei fazer tudo o mais rápido que podia. Mas só uns segundinhos depois de começar a urinar, escutei a descarga

dos outros boxes. Parei meu xixi na hora. Todas aquelas portas permaneciam trancadas. Parece que escutei um barulho da torneira abrindo. Vi que ela estava mesmo aberta. Não pensei duas vezes em sair logo dali. Devia ter saído correndo. Mas cismei de, na passagem, olhar um caco de espelho manchado que estava na pia. Para que?! Quando olhei para o reflexo do espelho, vi um vulto, atrás de mim...a imagem de uma mulher loira vestida de branco! Tudo isso foi em apenas um segundo! Não consegui pensar em mais nada. Dei um grito e comecei a correr, correr, correr...

Devia estar com cara de bobo quando entrei na sala, porque a professora perguntou se eu estava passando mal. Faltavam apenas vinte minutos para terminar a prova. A solução que encontrei foi segurar o coração acelerado e descrever aquela experiência do outro mundo.

Na semana seguinte, fui na escola para saber que tinha passado. Por ironia do destino, tirei dez na redação, com direito a elogio pela criatividade. Antes de ir embora, fui me despedir de seu Zé, o zelador. Contei para ele a história. Seu Zé riu. Depois ficou sério e me contou que há muito tempo atrás numa das escolas daqui da área um rapaz estuprou e matou uma menina loira no banheiro feminino. A mãe da menina ficou desesperada. Ela foi ao colégio, entrou no banheiro

masculino, matou um menino que lá estava e em seguida se suicidou. Dizem que a intenção dela era se vingar do responsável pela tragédia... parece que ela ainda não largou essa missão...

Os PERSONAGENS REAIS

Dona Margarida

Foto: Adriana Medeiros



Margarida Cunha, 76 anos, mora desde os 14 anos no Morro do Timbau. Nos fundos do quintal de sua casa, ficava a famosa figueira mal-assombrada do morro do Timbau.

A figueira foi cortada, né... ela ficava ali atrás, onde era a minha casa. A gente morava ali embaixo, era tudo barraco. Antigamente, quando a gente acreditava, tinha bruxa... tinha o galinheiro que era da minha mãe... Ai, as galinhas ficavam alvoroçadas... em tempo de lua bem clara, né... aí a gente olhava e só via aquele negócio rondando assim, em volta da figueira... só dava para ver aquele vulto branco correndo ao redor dela... e a gente dizia que era bruxa... muita gente dizia que era bruxa mesmo... aí, as galinhas e os pintos começavam a gritar, né. As crianças ficavam em casa com medo de ficar do lado de fora.



Foto: Adriana Medeiros

Acima: Caminho do Morro do Timbau que, no passado, passava próximo à figueira.

Ao lado: fotos da figueira que foi cortada a pedido de alguns preocupados com o estrago que as raízes da árvore poderia causar na estrutura das casas.



Seu Gelson

Foto: Dina Lane



Gelson Silva Teixeira, 69 anos, é morador do Morro do Timbau. Seu Gelson é hoje esposo da personagem principal da história do ensopado de cobra.

Trés ou quatro amigos nossos que foram pescar lá em Macaé, trouxeram uma cobra mais ou menos de uns 6 metros...uma surucucu. Ai, minha mulher, que tá lá dentro, ela pegou e fez a cobra...Os três caras primeiros que comeram morreram...Sabe, aqueles bixão, que comem tudo. Ela só provou assim para ver se tava ruim de sal...ela largou o corpo assim por mais de 10 anos a seguir...o sol esquentava e ela soltava couro igual cobra...ficava vermelha igual um camarão. Quando eu levei ela no Instituto Médico de Mangunbos, ai botei ela num doutor ai passou um remédio para ela, que era para curar o veneno da cobra. E o pior é que eles fizeram errado. Se eles cortassem 2 ou 3 palmos do rabo e 2 ou 3 palmos da cabeça, não dava problema para ninguém. Mas trouxeram inteira.

Visão antiga do morro do Timbau. É possível ver ainda uma arquitetura bem parecida com aquela existente em áreas rurais. Esse é o Timbau que serviu de cenário para o Conto do Ensopado de Cobra.



Foto: Arquivo Nacional
Acervo Arquivo Dona Orsina - Rede Memória

O Morro do Timbau é hoje uma das áreas mais urbanizadas da Maré, fruto de muitas lutas dos moradores. Mas no passado, poucas ruas eram asfaltadas. Algumas, eram inviáveis de subir em dias de chuva.



Foto: Casa de Oswaldo Cruz, década de 30
Acervo Arquivo Dona Orsina - Rede Memória

Antiga Ilha dos Macacos, na época em que estava sob o controle da Fio-Cruz. Muitos motadores pescavam e caçavam no local. Na década de 80, a ilha foi aterrada para dar origem à Vila dos Pinheiros.



Doca

Foto: Hélio Enéides

Reginaldo Ribeiro da Costa, o Doca, 46 anos, é morador da Baixa do Sapateiro. Doca foi um dos personagens reais do famoso casamento das palafitas e, assim como muitos outros convidados, também caiu na lama com a queda de parte do barraco



*E*ra um casamento que tinha... e aqui antigamente era uma maré, né. O noivo começou a chamar gente e o barraco dele era um pouco distante ... a gente passava numa ponte e isso aqui era só lama... era só madeira, palafita. E os convidados foram chegando.. E ficou todo mundo ali em cima, né. Tinha umas 100 pessoas mais ou menos. Ai, ele colocou a música da Gretchen, todo mundo pulando ... de repente sabe, ninguém esperava, aquele barulho tipo arranhando e pumba todo mundo no chão. No pedaço onde tinha mais gente desabou, foi todo mundo para a lama, uma gritaria total. Eu cai e pensei como é que eu vou subir assim, meu Deus do céu, que furada...e eu tava de branco, calça branca, bem arrumado, casamento de amigo, né...caiu mais de 20 pessoas.



Foto: Arquivo Particular Anthony Lenti
Acervo Arquivo Dona Orsina - Rede Memória

Foto das palafitas que dominaram parte da Maré, na década de 70. A imagem mostra bem a visão de uma cidade suspensa sobre a Baía de Guanabara. As pontes de madeira ligavam uma casa a outra e serviram de cenário para a história do casamento na palafita

População da Maré teve que se adaptar às duras condições da vida nas palafitas: a água poluída entrando no barraco na cheia da Maré, ratos e insetos que entravam nas casas, o balançar das casas nas tempestades... Muitas crianças que moraram nas casas de madeira são hoje moradores de outros pontos do bairro



Cléssio

Foto: Hildo Esvelde



Cléssio da Fonseca, 45 anos, é morador do Morro do Timbau. Ele foi um dos inúmeros moradores do bairro que presenciou a confusão criada pela descoberta do porco com cara de gente.

Issso tem mais de 20 anos. Eu estava na frente de minha casa na rua Capitão Carlos, aí vi um montão de gente passando e o policial com um embrulho na mão, levando para o posto policial. Até então eu não entendia o que acontecia... Quando percebi era as pessoas comentando que o porco com cara de gente estava no posto... foi uma bagunça o dia todo, os policiais na varandinha mostrando o porco e o povo na rampa, em frente ao posto. Os policiais diziam que o pai do porco estava bêbado, era uma gozação só. Para mim, o Helmans era que parecia com porco, mas o porco tinha até o queixo dele, era direitinho ele. Acho que à noite levaram o porco para o Oswaldo Cruz."



Uma visão aérea da faixa de palafita da Maré, ambiente onde aconteceu a história do porco com cara de gente.

Foto: Arquivo Nacional
Aéreo Arquivo Dona Osmarina - Rede Memória

Ao lado, imagem atual do posto de polícia para onde foi levado o porco. A construção permanece idêntica ao posto da história



Foto: Duto Lane



Imagem recente da Praça do 18, local onde ficavam os chiqueiros da Maré e onde teria nascido o porco com cara de gente.

Dona Maria

Foto: Deise Lator



Maria Rita, 88 anos, é pernambucana e se diz uma das primeiras moradoras da Nova Holanda. Conhecida na Comunidade pelo trabalho de rezadeira, dona Maria lembra ainda hoje a história do Lobisomem

Vim para cá em 61. A primeira coisa que me falaram é que tinha um lobisomem por aí. O pessoal não saía de dentro de casa, todo mundo se escondendo com medo. De noite ninguém saía. As pessoas viram... era um bicho que se embolava na madrugada. Dizem que meia-noite em ponto, ele chegava na encruzilhada e cisca, cisca, cisca... quando ele saía dali, já saía em movimento, correndo. Quem ele for pegando, ele vai sangrando... e os cachorros corriam. Quando ele virava, os cachorros vinham atrás.



Foto aérea da Nova Holanda na década de 70. Ao fundo, pode-se ver os famosos galpões das habitações provisórias construídas por Carlos Lacerda, no final da década de 60. Um pouco mais abaixo é possível ver a área da comunidade ocupada por palafitas.

Foto: Arquivo Particular João Mendes
 Outra Arquivo Dona Orsina - Rede Memória

Foto das primeiras construções dos alojamentos provisório na Nova Holanda. Milhares de moradores de outras favelas da cidade foram transferidos para o local.





CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES
SOLIDARIAS DA WARE

INFRAERO
Aeroportos Brasileiros

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL